

GESTÃO E INOVAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: NOTAS DE INTRODUÇÃO

MANAGEMENT AND INNOVATION IN LATIN AMERICA: INTRODUCTION

GESTIÓN E INNOVACIÓN EN AMÉRICA LATINA: INTRODUCCIÓN

Enrique Ogliastri

Doutor em Organizações, professor do INCAE (Costa Rica) e do Instituto de Empresa (Espanha), leciona negociação, estratégia, negócios familiares e o método de caso. Autor de 24 livros, e diretor da Revista Academia indexada em ISI/Clarivate.

Data de recebimento: 27/03/2019

Data de aceite: 27/05/2019

João Batista Pamplona

Doutor em Ciências Sociais, mestre em Economia, agrônomo e administrador de empresas. Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Economia Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP / PEPGEP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS / PPGA).

Maurício Gómez Villegas

Doutor em Contabilidade. Professor Associado, Escuela de Administración y Contaduría Pública, Universidad Nacional de Colombia. Diretor do Grupo de Investigación en Contabilidad, Organizaciones y Medioambiente – GICOMA. Pesquisador sênior – Colciencias.

RESUMO

Nesta introdução à edição especial da revista *Gestão & Regionalidade*, intitulada “Gestão e Inovação na América Latina”, primeiro elaboramos revisão da literatura sobre inovação na região, depois apresentamos os dez artigos que compõem esta edição, e por fim realizamos reflexão breve sobre o presente e o futuro dos estudos sobre economia e gestão da inovação na América Latina. O desempenho inovativo da região continua bastante aquém da sua relevância econômica, embora haja aumento da pesquisa acadêmica sobre a temática. Pesquisas futuras devem destacar as formas interativas de promover a inovação, as inovações sociais, a inovação pública, as inovações para a sustentabilidade, as inovações tecnológicas associadas à quarta revolução industrial, e a natureza muito específica do empreendedorismo latino-americano.

Palavras-chave: inovação; empreendedorismo; gestão e economia da inovação; América Latina.

ABSTRACT

In this introduction to the special issue of *Gestão & Regionalidade* entitled “Management and Innovation in Latin America,” we first review the published literature about the region, then introduce the ten new articles appearing in this issue, and finally reflect briefly on the current and future state of studies on innovation management and economics in the region. Latin America’s innovation performance remains far short of its economic relevance, despite increasing academic research on the issue. Future research should highlight interactive ways to promote innovation, social innovations, public innovation, innovations for sustainability, technological innovations associated with the fourth industrial revolution, and the very specific nature of Latin American entrepreneurship.

Key words: innovation; entrepreneurship; management and economy of innovation; Latin America.

RESUMEN

En esta introducción al número especial de *Gestão & Regionalidade* titulado “Gestión e innovación en América Latina”, primero revisamos la literatura publicada en la región, luego presentamos los diez artículos que aparecen en este número y, finalmente, reflexionamos brevemente sobre el estado actual y futuro de los estudios sobre gestión y economía de la innovación en la región. El desempeño de la innovación en América Latina sigue siendo muy inferior a su relevancia económica, a pesar del aumento de la investigación académica sobre el tema. La investigación futura debería resaltar en las formas interactivas para promover la innovación, las innovaciones sociales, la innovación pública, las innovaciones para la sostenibilidad, las innovaciones tecnológicas asociadas con la cuarta revolución industrial y la naturaleza específica del espíritu empresarial latinoamericano.

Palabras clave: innovación; emprendimiento; gestión y economía de la innovación; América Latina.

Endereço dos autores:

Enrique Ogliastri:
Enrique.Ogliastri@incae.edu

João Batista Pamplona
pamplona@puccsp.br; pamplona@uscs.edu.br

Maurício Gómez-Villegas
mgomezv@unal.edu.co

Em que pese o papel ainda marginal no esforço global de inovação, a América Latina tem assistido um aumento da produção intelectual sobre a temática da inovação, refletindo o interesse crescente das universidades, empresas e governos nos meios para incrementar o desempenho inovativo das economias latino-americanas. Em nossa introdução à edição especial da revista *Gestão & Regionalidade*, examinamos brevemente a literatura, selecionando e resenhando os artigos dos principais periódicos científicos da região. A seguir apresentamos os 10 artigos que compõem esta edição especial. Finalmente, refletimos acerca dos desafios enfrentados pelos estudos futuros sobre inovação na região, destacando a importância de temas como a inovação social, a inovação pública, a inovação para a sustentabilidade, a quarta revolução industrial e as especificidades do empreendedorismo latino-americano.

1 BREVE E RECENTE PANORAMA DA GESTÃO DA INOVAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

O pioneiro em destacar a inovação em termos empresariais foi Schumpeter (1942), apontando que ela era fruto do tamanho da empresa e da concentração de mercado. Esses fatores não foram totalmente validados nas pesquisas posteriores (LAZZAROTTI; DALFOVO; HOFFMANN, 2011). A OECD (2005) desenvolveu um conjunto de conceitos e diretrizes para recolher e interpretar dados sobre inovação, que exerceu grande influência e resolveu em parte a discussão. Ahuya, Lampert e Tandon (2008), em sua meta-análise, concluem que são quatro os fatores determinantes da inovação tecnológica: es-

trutura do setor, características da empresa (como tamanho, diversificação, desempenho e acesso a fontes de conhecimento) atributos intraorganizacionais (como estrutura e processos, governança e compensação), e influências institucionais. Com o tempo, tem-se especificado e refinado as características e diferenciado os tipos de inovação, com importantes implicações regionais.

Em sua apresentação a uma edição de *Academia* sobre inovação na América Latina, Ketelhöhn e Ogliatri (2013) apresentam e analisam uma base de dados sobre as patentes latino-americanas registradas entre 1976 e 2012 na agência de patentes dos Estados Unidos (USPTO – United States Patent and Trademark Office). Os autores verificam o papel marginal da região na atividade inovadora mundial. Apesar de possuírem 8,7 % do PIB mundial, os países da América Latina contribuem com apenas 0,19% das patentes mundiais. Os dados sobre cada país permitem uma análise diferenciada. Considerando o número de patentes por 100.000 habitantes, Costa Rica e Uruguai se sobressaem (com 7,05 e 4,72 entre 1976 e 2012). Os autores que afirmam que apesar das barreiras à inovação, os estudos e a experiência com inovação na região são mais frequentes do que se imagina. Analisando os artigos sobre inovação publicados na revista *Academia*, Ketelhöhn e Ogliatri (2013) destacam que o tema é de interesse crescente entre acadêmicos, empresas e governos, o que sugere que a região poderia superar as barreiras históricas à inovação.

Em países em desenvolvimento, como os da América Latina, a configuração de variáveis internas e do entorno é muito diferente da encontrada em economias avançadas (ALVAREZ; URBANO, 2011a;

ACS; AMORÓS, 2008). Em uma nova compilação dos estudos sobre empreendimentos na América Latina no contexto do projeto *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), Amorós (2011) diferencia entre as economias baseadas em fatores de produção (como recursos naturais), aquelas baseadas na eficiência das empresas, e as economias baseadas em inovação. Igualmente, também aponta a necessidade de diferenciar os empreendimentos de subsistência (alternativa ao desemprego) daqueles que crescem e se internacionalizam.

Álvarez e Urbano (2011b) analisam uma década de publicações baseados em dados do GEM de revistas com JCR (*Journal Citation Reports, ISI/Clarivate*). Eles identificam as revistas nas quais foram publicados os artigos, o nível micro, meso e macro da análise, as técnicas estatísticas mais comuns, os países abrangidos e os artigos mais citados. Os autores concluem que para entender os empreendimentos se utiliza mais o marco conceitual com enfoque institucional (como os fatores formais relacionados a políticas governamentais, especialmente as de apoio) do que o com enfoque econômico, que enfatiza as condições do entorno.

Jasso, Del Valle e Núñez (2017) fazem uma revisão histórica para verificar a existência de pensamento latino-americano sobre inovação e desenvolvimento, concluindo que existe esta escola do pensamento. Ela enfatiza conceitos e esquemas analíticos como os de heterogeneidade estrutural, estilos de desenvolvimento, competitividade autêntica e espúria, triângulo de Sábato, centro-periferia e estratégias para políticas de ciência, tecnologia e inovação.

No geral, associa-se inovação a empreendimentos e seu resultado em termos de desenvolvi-

mento e crescimento econômico. A região latino-americana se diferencia pelas altas taxas de criação de empreendimentos (negócios), mas com muitos empreendimentos sendo apenas esforço de sobrevivência, por parte de pessoas desempregadas, e não necessariamente implicam em inovação e/ou crescimento. Pino Soto (2018) estuda o impacto da inovação e internacionalização na competitividade de empresas exportadoras da América do Sul. Ele encontra tal conexão e a explica por meio da criação de novos conhecimentos experienciais sobre mercados externos das firmas, o que resulta em inovações de produtos/serviços e em crescimento.

Uma revisão de 128 pesquisas sobre empreendimentos (negócios) na América Latina (LÓPEZ; ÁLVAREZ, 2018) conclui que as quatro revistas com mais publicações entre 2002 e 2018 são o *Journal of Technology Management and Innovation* (Chile), *Innovar* (Colômbia), *Academia (Revista Latinoamericana de Administración - ARLA, do Consejo Latinoamericano de Escuela de Administración - CLADEA)*, e *Cuadernos de Administración* (Colômbia). Os autores dos artigos revisados são principalmente do Brasil (78), Colômbia (57), Chile (46); com 46% dos artigos de natureza puramente quantitativa. López e Álvarez (2018) analisam os determinantes individuais do empreendimento, os fatores do entorno, os empreendimentos internacionais, a orientação empreendedora, os enfoques ecléticos sobre os empreendimentos, bem como os fatores financeiros que afetam os empreendimentos. Eles revelam a necessidade de mais estudos qualitativos e também a inclusão, nas revisões, de toda a literatura publicada, em especial daquelas revistas latino-americanas que não estão incluídas em bases bibliográficas internacionais.

Em introdução a um número da revista *Academia* destinado a identificar inovações além das tecnológicas, ou seja, também inovações organizacionais, Zawislak *et al.* (2017) esboçam conceito de inovação diferente do tradicional, centrado na gestão da empresa ou da organização. Os autores ressaltam a influência do mercado, da comunidade circundante, e das instituições. Eles apontam que é necessário considerar para a inovação primordialmente os estímulos macroeconômicos no lugar dos microeconômicos.

Tello Gamarra *et al.* (2018) realizam pesquisa bibliométrica sobre estudos de inovação realizados por autores latino-americanos, baseada em dados das bases Scopus e Web of Science, que cobre 30 anos (1987 – 2016). Os autores concluem que esses estudos têm aumentado significativamente nos últimos anos, com crescente colaboração entre autores latino-americanos com outros dos Estados Unidos, Espanha e Grã-Bretanha. Também ressaltam a elevada participação de universidades e autores brasileiros, apontando, no entanto, que a América Latina está atrasada uma vez que contribui com apenas 2,75% da produção bibliográfica internacional sobre o tema da inovação.

Para uma amostra de 74 empresas de alto desempenho que operam em setores de serviços intensivos em conhecimento (KIBS, na sigla em inglês), assim como em setores que requerem menor intensidade de conhecimento, Lafuente *et al.* (2019) encontram as características organizacionais que afetam significativamente o desempenho inovativo, especialmente nas empresas KIBS. Os resultados sugerem que os gestores precisam considerar as características operacionais do negócio quando desenvolvem estratégias direcionadas a melhorar as características organizacionais.

Como maior e economia país da América Latina, o Brasil tem liderança nos indicadores de inovação quando comparado com outros países latino-americanos¹, embora esta liderança seja maior no que diz respeito ao esforço de inovação do que ao desempenho inovador². Refletindo essa posição, há crescente produção acadêmica no Brasil na área de gestão da inovação, se tomarmos como referência os 123 periódicos científicos de administração e áreas correlatas presentes na base SPELL (*Scientific Periodicals Eletronic Library*). SPELL é uma biblioteca eletrônica de propriedade da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), que reúne programas de pós-graduação em Administração no Brasil. O número de artigos em português com a palavra “inovação” no título ou no resumo ou nas palavras-chave subiu de 106 em 2010 para 169 em 2012, atingindo 224 em 2014, e alcançando 239 artigos em 2017 (SPELL, 2019).

Na produção intelectual brasileira nessa área do conhecimento, nos últimos cinco anos, alguns

1 O Brasil ocupa a 27ª posição no ranking de gasto interno em P&D, em relação ao PIB, do Global Innovation Index – GII – de 2018. É a melhor posição dos países da América Latina. Depois do Brasil, a melhor posição é da Argentina (51ª), seguida pela Costa Rica (55ª), México (61ª), Equador (65ª), Chile (70ª), Uruguai (71ª), Colômbia (82ª), Guatemala (109ª), Honduras (110ª) (CORNELL UNIVERSITY; INSEAD; WIPO, 2019).

2 O Brasil ocupa a 61ª posição no ranking do número de famílias de patentes registradas por residentes, em pelo menos dois institutos de patentes, do Global Innovation Index – GII – de 2018. É a terceira melhor posição dos países da América Latina. O Brasil fica atrás do Chile (46ª) e do Uruguai (59ª). Outros países da região ficaram com as seguintes posições: México (66ª), Argentina (69ª), Costa Rica (71ª), Colômbia (72ª), Honduras (90ª), Guatemala (99ª), Equador (106ª). O Brasil ocupa a 35ª posição no ranking da proporção de produtos high-tech exportados, em relação ao total do comércio exterior, do Global Innovation Index de 2018. Neste indicador, também está em terceira posição. O Brasil fica atrás do México (7ª) e da Costa Rica (33ª). Os demais países têm as seguintes posições: Argentina (55ª), Guatemala (56ª), Colômbia (57ª), Uruguai (61ª), Chile (68ª), Equador (75ª), Honduras (82ª) (CORNELL UNIVERSITY; INSEAD; WIPO, 2019).

periódicos se destacam por sua qualidade amplamente reconhecida. Dois deles aparecem como periódicos especializados: a Revista de Administração e Inovação (RAI) e a Revista Brasileira de Inovação (RBI). Outras quatro – Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista Brasileira de Gestão de Negócios (RBGN), Revista de Administração Contemporânea (RAC), Brazilian Administration Review (BAR) – são periódicos de assuntos gerais da área de administração. Destas revistas selecionamos seis artigos: Gielfi *et al.* (2017); Lizarelli, Toledo e Alliprandini (2019); Pereira *et al.* (2018); Perin *et al.* (2016); Silva *et al.* (2018); Vasconcelos e Oliveira (2018).

Gielfi *et al.* (2017) analisam a colaboração em pesquisa entre a empresa estatal petrolífera brasileira, Petrobras, e universidades no período de 1980 a 2014. Seus resultados empíricos mostram que houve aumento da colaboração, nacionalmente orientada, entre Petrobras e universidades nesse período. Os autores observam fortalecimento da rede de colaboração da Petrobras com a entrada de novas universidades. Para eles, grandes empresas ativas em P&D, como a Petrobras, são instadas a aumentar a colaboração com universidades em busca principalmente de novos conhecimentos e capacidade baseada em pesquisa.

Lizarelli, Toledo e Alliprandini (2019) objetivam identificar se as empresas utilizam mecanismos de integração entre as atividades de inovação de exploração (desenvolver produtos e processos existentes) e as do tipo exploração (prospecção de novos produtos e processos) para fomentar as interações entre essas atividades. Além da necessidade de coexistência e equilíbrio entre a inovação por meio da exploração e da exploração, essas atividades podem ser integradas e promover melhores re-

sultados para a inovação por meio de mecanismos de colaboração e de envolvimento para a troca de conhecimento. Considerando os mecanismos de conectividade, o mais utilizado são as equipes interfuncionais.

Pereira *et al.* (2018) examinam as redes colaborativas entre instituições que depositaram patentes de biotecnologia - medicamentos a partir de plantas - cujas invenções tiveram o Brasil como país principal. O estudo destaca a importância das relações de cooperação. As universidades públicas e as agências públicas de apoio à pesquisa são os principais impulsionadores da inovação no Brasil, pois são responsáveis por um maior número de registros de patentes e de interações que elas estabelecem. A participação brasileira na inovação em biotecnologia ainda é baixa. O estudo destaca a necessidade urgente de formar parcerias, para criar soluções tecnológicas consistentes, por meio especialmente da participação de empresas estrangeiras em projetos desenvolvidos no Brasil.

Perin *et al.* (2016) estabelecem duas questões de pesquisa: o desenvolvimento da mentalidade aberta em mercados emergentes aciona a criação e o aprimoramento de redes sociais? O aprimoramento das redes sociais resulta em inovações radicais e melhores desempenhos? Os autores investigam uma amostra de 324 empresas brasileiras do setor industrial. Os achados dos autores corroboram o fato de que a abertura de espírito (mentalidade aberta, receptividade a novas ideias) permite que os funcionários tenham uma maior disposição para cooperar em redes internas e externas, gerando novos conhecimentos para inovações radicais. Os resultados mostram que a mente aberta é positivamente relacionada com o uso

de redes sociais internas e externas. Os efeitos da mentalidade aberta sobre a rede social interna são mediados pela rede social externa, sugerindo que o espírito aberto é um importante antecedente do processo de conversão do capital social externo em capital social interno. A promoção de redes sociais externas encoraja a criação de redes sociais internas com o objetivo de usar o conhecimento adquirido fora da empresa. As redes sociais externas não influenciam diretamente a existência de inovações radicais, mas o fazem por meio das redes sociais internas, pois essas sim influenciam diretamente a inovação radical. Os resultados também destacam que o desempenho financeiro é influenciado positivamente pelas redes sociais externas e também pelas inovações radicais.

Silva *et al.* (2018) procuram analisar os papéis, os pontos comuns e as diferenças entre três tipos de agentes de suporte ao desenvolvimento de empresas de base tecnológicas (EBTs). A abordagem de pesquisa é qualitativa, com uma amostra de vinte e três agentes, distribuídos entre aceleradoras de empresas, incubadoras de empresas e parques tecnológicos localizados no Brasil e em Portugal. Os principais resultados são sumarizados a seguir. Os parques tecnológicos apresentam estruturas físicas mais desenvolvidas, mais adequados à inovação, do que aceleradoras e incubadoras, pois esses dois últimos agentes costumam ter espaços físicos apenas adaptados. As aceleradoras e incubadoras apoiam o desenvolvimento de EBTs com a cessão da infraestrutura física, formação gerencial, concepção do produto, formação do capital social e captação de recursos, no entanto a gama de serviços ofertados varia entre os agentes. As aceleradoras e incubadoras possuem papel importante na

formação da visão estratégica das EBTs, o que pode ser determinante no seu sucesso. A existência de EBTs com capacidades complementares nos agentes de suporte age como elemento predisponente à formação de parcerias internas para suprir demandas do mercado. Os agentes de suporte têm papel de facilitadores da formação de relações sociais de suas EBTs com agentes do ambiente de inovação, especialmente universidades.

Por meio de abordagem quantitativa, Vasconcelos e Oliveira (2018) procuram conhecer os fatores gerenciais que propiciam a inovação em 315 micro e pequenas empresas do estado de Pernambuco (Brasil). Os resultados obtidos pelos autores indicam que a capacidade inovadora derivada das capacidades dinâmicas está não apenas na figura do empreendedor e na gestão estratégica exercida, como também está associada às informações e conhecimentos obtidos pelas redes de conhecimento e ao relacionamento com os clientes e com a sociedade.

Enfatizamos que os referidos periódicos científicos difundem pesquisas que não estão focadas unicamente no Brasil, mas também em outros países latino-americanos como Colômbia (MARÍN IDÁRRAGA; CUARTAS MARÍN, 2019).

O que há de comum entre estes artigos é que eles, de alguma maneira, destacam a importância das redes sociais, internas e externas, na promoção de inovação. Também destacam a importância da colaboração entre empresas e universidades, das redes de conhecimento e da interação com clientes e a sociedade em geral. Os autores analisados ressaltam o papel das universidades e agências públicas de apoio à pesquisa em setores de fronteira no Brasil, bem como a limitada participação

do capital estrangeiro nas parcerias para soluções tecnológicas. O que enfatizamos é a fundamental associação da inovação com as redes sociais, com a colaboração, com a troca de conhecimento, com a cooperação, com as diferentes formas de interação interna e externa às empresas, por meio do mercado ou fora dele.

2 A EDIÇÃO ESPECIAL DA REVISTA GESTÃO & REGIONALIDADE

Os países da América Latina enfrentam um desafio: aumentar sua participação no esforço global de criação de novos produtos e processos. Existe a necessidade de que a comunidade científica registre, elucide, dissemine e compartilhe pesquisas sobre a inovação, bem como sobre o próprio processo de inovação, com o intuito de providenciar ferramentas para as políticas públicas e para aperfeiçoar a gestão de inovação nas empresas. Há dois anos, *Gestão & Regionalidade* convocou a comunidade acadêmica latino-americana para refletir sobre os desafios da gestão da inovação. O resultado é esta edição especial, que está composta de 10 artigos de pesquisa selecionados por meio do processo *double-blind arbitration*.

Sosa-Sacio e Matos-Reyes (2019) avaliam a confiabilidade e validade de uma pesquisa aplicada a PMEs peruanas comparando-a teórica e empiricamente com outra realizada no Brasil no mesmo setor, que está baseada em escala proposta por Tidd, Bessant e Pavitt (2005). Aqueles autores argumentam que a capacidade inovadora de uma organização resulta de explorar e explorar novas oportunidades de negócios, de adotar tecnologias inovadoras, gerar novas ideias, desenvolver propos-

tas e assumir riscos. A capacidade inovativa influencia o desempenho criativo, definido com a criação de ideias e soluções inovadoras para encarar os desafios empresariais de maneira efetiva e eficiente. Portanto, os autores mensuram capacidade inovativa por meio da geração de valor no mercado, antes que por antecedentes com a criatividade e a invenção (ANDERSON; POTOČNIK; ZHOU, 2014).

Pastor Pérez, Rodríguez Gutiérrez e Balbinot (2019) realizam estudo sobre as capacidades dinâmicas em pequenas e médias empresas. Os autores seguem os passos de Teece, Pisano e Shuen (1997) e definem as capacidades dinâmicas como aquelas que permitem a uma empresa evoluir e manejar mudanças em seu entorno para manter vantagens competitivas. Eles partem de uma amostra aleatória de 330 empresas que operam no mercado latino-americano, concluindo que há uma relação entre a orientação empreendedora, a orientação para o mercado e as capacidades dinâmicas das pequenas e médias empresas.

Vásquez-Rodríguez (2019) investiga como as pequenas e médias empresas do setor gráfico enfrentam os processos de atualização e inovação tecnológica na área de produção. Estudando o setor na Colômbia, a autora analisa o trânsito da adoção à adaptação e desta à criação, mas sem se aventurar pela arriscada fronteira tecnológica internacional, como em Malaver e Vargas (2004). A autora toma uma amostra qualitativa a partir da qual realiza 43 entrevistas semiestruturadas, expondo como as empresas interagem com seu entorno e tomam decisões de atualização. A autora recomenda fortalecer o acesso às informações para os pequenos empresários, buscar mais tipos ou opções de associação, tirando vantagem da economia

“laranja” (economia criativa), bem como conseguir junto à totalidade do setor uma agenda compartilhada de difusão de tecnologias e inovações.

Sarate e Piccini (2019) estudam a relação entre as ações empreendedoras coletivas e a criação de inovação social, com foco nas transformações no modo de habitar dos atores sociais. O contexto de pesquisa (território) é o roteiro turístico Caminhos de Pedras, localizado no município de Bento Gonçalves, no estado do Rio Grande do Sul (Brasil). A criação da rota turística afetou o processo de territorialização, gerando modos alternativos de habitar. Ela valorizou a cultura local, mas também houve certa erosão dos laços de reciprocidade (solidariedade e cooperação).

Lacerda e Machado (2019) analisam como têm sido desenvolvidas inovações em produtos para consumidores na base da pirâmide no Brasil, por meio de uma abordagem qualitativa (estudo de caso múltiplo). Para os autores, as estratégias de inovação que mais predominam nas três empresas são as baseadas no mercado (entender os clientes para identificar como atender suas necessidades) e as *exploitativas* (utilizam conhecimentos e aprendizagem já existentes para reconfigurar seus produtos).

Calíope e Silva Filho (2019) analisam o processo de inovação nas empresas de confecção de modinha na Feira da José Avelino (Fortaleza – Ceará – Brasil). O estudo qualitativo revela que mesmo em um ambiente caótico e cheio de problemas como a Feira da José Avelino, existe inovação. No entanto, as inovações são apenas incrementais nos produtos de vestuário, com pequenas variações nos modelos, tecidos e aviamentos, baseadas em imitação de modelos provenientes da mídia, internet e novelas, e de lojas de rua e de

shoppings. Há, segundo os autores, uma espécie de reinterpretação dos modelos mediante a cópia, com adaptação às condições do ambiente em que os feirantes estão inseridos.

Santos e Peixoto (2019) investigam os desafios e obstáculos para a consolidação de um ecossistema de empreendedorismo na Cidade do Rio de Janeiro (Brasil). Os autores entrevistam, por meio de questionário, vinte players relevantes do ecossistema em diferentes áreas, incluindo: empreendedores, investidores, capitalistas de risco, representantes do setor público, acadêmicos, e representantes de instituições de suporte, tais como incubadoras, aceleradoras e associações. Os resultados obtidos indicam que o ecossistema de empreendedorismo da Cidade do Rio de Janeiro se encontra nos estágios iniciais de desenvolvimento e enfrenta desafios em três esferas: pessoal (ausência de colaboração, bem como disputas de ego); organizacional (ausência de organização, gestão e planejamento eficazes); e relacionados à densidade (iniciativas concentradas em poucos atores e falta de conexão e articulação). Os obstáculos macros incluem questões legais, tais como societárias, trabalhistas e fiscais, de abrangência nacional; os obstáculos micros estão relacionados à Cidade do Rio de Janeiro, que carece de segurança pública efetiva, mobilidade urbana adequada, e infraestrutura eficiente. As propostas de melhoria apresentadas pelos entrevistados se concentraram em planejamento e integração de iniciativas, criação de espaços de inovação e colaboração, além de realização de eventos relevantes ao empreendedorismo.

Saraiva *et al.* (2019) procuram identificar e analisar estratégias que contribuam para que as cidades se tornem inteligentes por meio da utilização

de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Seu estudo do caso da Cidade de Curitiba (Paraná, Brasil) revela que ações relacionadas à democratização da informação, mobilidade urbana, áreas verdes e gestão dos resíduos podem servir de exemplo para a replicação em outras cidades da América Latina, que intencionem ser cidades inteligentes.

Santos e Paganotti (2019) descrevem o processo de inovação na indústria automobilística brasileira na região do Grande ABC. Em estudo de caso múltiplo, entre setembro de 2012 até maio de 2014, os autores entrevistam 26 profissionais do setor. Eles identificam que o modelo de inovação da cadeia automotiva local é uma adaptação envolvendo atividades de P & D originadas da matriz, benchmarking com concorrentes, contribuição do P&D local, modesta contribuição dos institutos de pesquisa locais. Embora a tendência local das montadoras seja adotar uma estrutura global ao construir veículos, os autores constatarem que as empresas locais estudadas desenvolveram conhecimento para o mercado brasileiro e sul-americano.

Pamplona e Silva (2019) analisam o “estado da arte” da adoção da Agricultura de Precisão (AP) na América do Sul. Eles focam em três países representativos das condições econômicas e edafoclimáticas da região: Argentina, Brasil e Colômbia. Os autores identificam que o Brasil parece estar mais adiantado no sentido da existência de um conjunto de organizações que podem funcionar como rede para a adoção das tecnologias de AP e sua consolidação como prática de intensificação sustentável da produção no campo. Em situação menos avançada está a Colômbia, na qual é necessário constituir e conectar organizações voltadas ao desenvolvimento e à adoção da AP. Em posição

intermediária está a Argentina, onde já existe uma estrutura relativamente organizada e ativa e um nível de adoção considerável em certas regiões.

3 O QUE O FUTURO RESERVA PARA A INOVAÇÃO NA AMÉRICA LATINA?

Em que pese o progresso que esta edição especial mostra na pesquisa sobre inovação, gestão e organizações na América Latina, existem temas emergentes de especial interesse para pesquisas futuras, tanto no setor privado quanto no setor público: a inovação social, a inovação pública, a inovação para a sustentabilidade, a quarta revolução tecnológica e a natureza muito específica do empreendedorismo latino-americano.

Considerando os diferentes tipos de inovação, na América Latina tem havido muito interesse pela inovação social, provavelmente pelas grandes necessidades e desigualdades sociais que tem a região. As inovações sociais criam valor social, não necessariamente valor para os acionistas (OGLIASTRI *et al.*, 2015). Este tem sido um tema estudado particularmente por meio de casos bem-sucedidos (por exemplo, o projeto SEKN da *Harvard Business School*). Austin *et al.* (2007) observam uma tendência à convergência entre a gestão de empresas sociais e de empresas privadas. Por outro lado, Lopes *et al.* (2017) diferenciam inovação social de inovação gerencial, concluindo que são substancialmente diferentes, especialmente em relação aos processos de geração e difusão. De qualquer forma, o debate requereria maior investigação.

A gestão da inovação em organizações públicas é um campo que requer maior investigação futura na América Latina. Nos últimos trinta anos tem havido múltiplas reformas das administrações

públicas e a inovação tem jogado um papel determinante em tais mudanças (BASON, 2018). A Nova Gestão Pública, NGP, impulsionou inovações na prestação de serviços públicos e na operação do Estado, a partir de transformações incrementais e disruptivas nos processos organizacionais (DIEFENBACH, 2009), ainda que tenha enfrentado limitações e críticas. Também existe uma literatura internacional emergente sobre organizações públicas, em setores como defesa, saúde pública, finanças, que tem mostrado que elas desenvolvem inovações vitais para o ecossistema de inovações empresariais (MAZZUCATO, 2016; MAZZUCATO; SEMIENIUK, 2017), as quais estão ainda por ser investigadas mais profundamente na região. Por último, a tendência à geração de valor público procura superar a visão economicista da NGP sobre o papel das organizações públicas, colocando foco na articulação e integração das finalidades do Estado, os interesses dos cidadãos, o dinamismo empresarial e os valores coletivos, para o qual a inovação pública e social devem convergir (BENINGTON; MOORE, 2011; BRYSON; CROSBY; BLOOMBERG, 2014).

A inovação para a sustentabilidade se posiciona com um campo convergente de políticas públicas, gestão organizacional, ação cidadã e pesquisa acadêmica de primeira ordem (SCHALTEGGER; WAGNER, 2011; SILVESTRE; TÎRCĂ, 2019). Os objetivos do desenvolvimento sustentável das Nações Unidas buscam a adoção de medidas para por fim à pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas tenham paz e prosperidade (UNITED NATION, 2015). Os débeis avanços em relação aos objetivos do Milênio, assim como as variadas crises que se evidenciam em escala planetária na sua dimensão social, ambiental e econômica, incitam os

processos empresariais para promover a inovação tecnológica, social e organizacional (UNITED NATION, 2015). Entre os temas de gestão organizacional de particular interesse para a América Latina estão a pegada ecológica, a economia circular, a mudança da matriz energética, entre outros, próprios da biodiversidade de ecossistemas, dos altos índices de desigualdade e da economia historicamente extrativista que têm caracterizado a região.

Embora, como já havíamos destacado, o nível de inovação empresarial na região seja baixo, a quarta revolução industrial, 4RI, já está gerando impactos em decorrência da aceleração das mudanças e por sua penetração em diferentes indústrias, organizações, profissões e ocupações (JOYANES, 2018). A 4RI implica a interconexão de processos, máquinas, informação e pessoas. Esta convergência de inovações digitais, biológicas e físicas está transformando os padrões de produção, consumo e relacionamento social (SCHWAB, 2016) em formas tanto heterogêneas como assimétricas. À medida em que avança esta revolução, as debilidades dos ecossistemas de inovação na América Latina podem ampliar as brechas atuais em inovação, com profundos impactos econômicos e sociais. Tudo isso abre múltiplas frentes de reflexão, ação e pesquisa para a gestão da inovação.

Finalmente, perguntamo-nos: os empreendedores de fato geram crescimento econômico? Embora a América Latina tenha muitos empreendedores, parece que isto está mais associado a uma questão de necessidade, pela falta de emprego, do que a uma oportunidade para transformar em capital uma inovação. Estes “empreendedores de sobrevivência” não são negativos para um país, mas eles tendem a ser temporários. Seus negócios não

geram grande valor adicionado, nem contribuem significativamente para o crescimento (DE SOTO, 1988; VALLIERE; PETERSON, 2009). Os diferentes níveis de desenvolvimento na América Latina também são limitadores para a inovação. Alguns países têm economias puramente baseadas na extração de recursos naturais (como Guatemala e Venezuela), outras progrediram ao ponto de serem econo-

mias baseadas na eficiência de grandes negócios (como Argentina, Brasil, Chile, Equador, México, Panamá e Peru). Entretanto, nenhum país da América Latina alcançou o terceiro estágio de desenvolvimento de negócios, baseado em inovação, da qual as atividades empreendedoras propriamente ditas dependem, e que resultam em crescimento (AMORÓS, 2011; OGLIASTRI, 2011).

REFERÊNCIAS

ACS, Z. J.; AMORÓS, J. E. Entrepreneurship and competitiveness dynamics in Latin America. **Small Business Economics**, v. 31, p.305-322, 2008.

AHUJA, G.; LAMPERT, C. M.; TANDON, V. Moving beyond Schumpeter: managerial research on the determinants of technological innovation. **Academy of Management Annals**, v. 2, n.1, p.1-98. 2008.

ÁLVAREZ, C.; URBANO, D. Environmental factors and entrepreneurial activity in Latin America. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 48, n. 48, p.31-45, 2011a.

ÁLVAREZ, C.; URBANO, D. Una década de investigación basada en el GEM: logros y retos. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 46, n.46, p.16-37, 2011b.

AMORÓS, J. E. El proyecto Global Entrepreneurship Monitor (GEM): una aproximación desde el contexto latinoamericano. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 46, n. 46, p.1-15, 2011.

ANDERSON, N.; POTOCHNIK, K.; ZHOU, J. Innovation and creativity in organizations: A state-of-

the-science review, prospective commentary, and guiding framework. **Journal of Management**, v. 40, n.5, p. 1297-1333, 2014.

AUSTIN, J. *et al.* Capitalizing on Convergence. **Stanford Social Innovation Review**, p.24-31, summer, 2007. Disponível em: http://web.stanford.edu/class/e145/2007_fall/materials/2007WI_feature_austinetal.pdf.

BASON, C. **Leading Public Sector Innovation: Co-creating for a better Society**. Bristol: U.K. Policy Press. 2018.

BENINGTON, J.; MOORE, M. **Public Value: Theory and Practice**. Basingstoke: Macmillan. 2011.

BRYSON, J.; CROSBY, B.; BLOOMBERG, L. Public value governance: moving beyond traditional Public Administration and the New Public Management. **Public Administration Review**, v. 74, n. 4, p. 445-456, 2014.

CALÍOPE, T. S.; SILVA FILHO, J. C. L. da. Na feira também tem inovação? Uma análise da criação e confecção de "modinha" na feira de rua José Avelino. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.

REFERÊNCIAS

- CORNELL UNIVERSITY; INSEAD; WIPO. **The Global Innovation Index 2018**: energizing the World with Innovation. Ithaca, Fontainebleau, Geneva. 2018. Disponível em: <http://www.globalinnovationindex.org>. Acesso em: 06 mar. 2019.
- DE SOTO, Hernando. Constraints on people: the origins of underground economies and limits to their growth. In: **Beyond the Informal Sector**: including the excluded in Developing Countries. San Francisco: Institute for Contemporary Studies, 1988. p. 15-47.
- DIEFENBACH, T. New public management in public sector organizations: the dark sides of managerialistic 'enlightenment'. **Public administration**, v. 87, n. 4, p. 892-909, 2009.
- GIELFI, G. G. *et al.* University-industry research collaboration in the Brazilian oil industry: the case of Petrobras. **Revista Brasileira de Inovação**. Campinas, v. 16, n. 2, p. 325-350, jul./dez. 2017.
- JASSO, J.; DEL VALLE, M. C.; NÚÑEZ, E. I. Innovation and development: a revisión of Latin American Thought. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v.30, n. 4, p.444-458, 2017.
- JOYANES, L. **Industria 4.0**: La cuarta revolución industrial. Bogotá: Alfaomega, 2018.
- KETELHÖHN, N.; OGLIASTRI, E. Introduction: innovation in Latin America. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 26, n. 1, p.12 – 32, 2013.
- LACERDA, K. C.; MACHADO, A. G. C. Inovação em produtos para consumidores na base da pirâmide: evidências no contexto brasileiro. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- LAFUENTE, E. *et al.* Determinants of innovation performance: exploring the role of organizational learning capability in knowledge-intensive business services (KIBS) firms, **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 32, n. 1, p.40-62, 2019.
- LAZZAROTTI, F.; SAMIR DALFOVO, M.; EMIL HOFFMANN, V. A bibliometric study of innovation based on Schumpeter. **Journal of technology management & innovation**, v.6, n.4, p.121-135, 2011.
- LIZARELLI, F. L.; TOLEDO J. C. de; ALLIPRANDINI, D. H. Mecanismos de integração para diferentes tipos de inovação: estudo de caso sobre empresas inovadoras. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 5-32, jan./mar. 2019.
- LÓPEZ, T.; ÁLVAREZ, C. Entrepreneurship research in Latin America: a literature review. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 31, n.4, p.736-756, 2018.
- LOPES, D. P. T. *et al.* Management innovation and social innovation: convergences and divergences. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v.30, n.4, p. 474-489, 2017.
- MALAYER, F.; VARGAS, M. Los procesos de innovación en América Latina: aportes para su caracterización. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v. 33, p. 5-33, 2004.

REFERÊNCIAS

- MARÍN IDÁGARRA, D. A.; CUARTAS MARÍN, J. C. Relationship between innovation and performance: impact of competitive intensity and organizational slack. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 59, n. 2, p. 97-107, mar. / abr. 2019.
- MAZZUCATO, M. **El estado emprendedor**: mitos del sector público frente al privado. Barcelona: RBA Libros, 2016.
- MAZZUCATO M.; SEMIENIUK G. Public financing of innovation: new questions. **Oxford Review of Economic Policy**, v. 33, n. 1, p. 24–48, 2017.
- OECD. Organization for Economic Cooperation and Development. **Oslo Manual**: guidelines for collecting and interpreting innovation data. 3 ed. Paris: OCDE, 2005.
- OGLIASTRI, E. Tipos de emprendedores, **Summa**, 132, Costa Rica. 2011.
- OGLIASTRI, E. *et al.* Social Business. In: WRIGHT, J. D. (ed.). **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. 2nd edition, Oxford: Elsevier. 2015. p.168–173.
- PAMPLONA, J. B.; SILVA, M. A. R. Adoção da agricultura de precisão na América do Sul: o estado da arte em Argentina, Brasil e Colômbia. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- PASTOR PÉREZ, M. del P.; RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, P. I.; BALBINOT, Z. Capacidades dinámicas, percepción del entorno económico y desempeño en micro, pequeñas y medianas empresas. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- PINO SOTO, C. G. Innovation and internationalization on the competitiveness of exporting firms: lessons from South American emerging economies. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v.31, n.4, p. 651- 662, 2018.
- PEREIRA, C. G. *et al.* Technological cooperation network in biotechnology: analysis of patents with Brazil as the priority country. **Innovation & Management Review**. São Paulo, v. 15, n. 4, p.416-434, 2018.
- PERIN, M. G. *et al.* Network effects on radical innovation and financial performance: an open-mindedness approach. **Brazilian Administration Review**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, art. 5, e 160057, oct. / dec. 2016.
- SANTOS, I. C. dos; PAGANOTTI, J. A.; The innovative process in the automotive industry: an analysis of the ABC region automotive cluster. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- SANTOS, G. de O.; PEIXOTO, F. V. P. C. Desafios e obstáculos para a consolidação de um ecossistema de empreendedorismo na Cidade do Rio de Janeiro: uma análise com base na visão dos principais players. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- SARAIVA, P. P. *et al.* O uso de tecnologias como estratégia na construção de cidades mais inteligentes e sustentáveis. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.

REFERÊNCIAS

- SARATE, J. A.; PICCININI, V. C. Inovação social e desenvolvimento territorial. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- SCHALTEGGER, S.; WAGNER, M. Sustainable entrepreneurship and sustainability innovation: categories and interactions. **Business Strategy and the Environment**, v. 20, n. 4, p. 222-237, 2011.
- SCHWAB, K. **La cuarta revolución industrial**. Foro Económico Mundial; Madrid: Editorial Debate, 2016.
- SCHUMPETER, J. **Capitalism, Socialism and Democracy**. Harper, Nueva York, NY, 1942.
- SILVA, S. E. *et al.* Os papéis dos agentes de suporte a empresas de base tecnológica. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 201-225, mar./abr. 2018.
- SILVESTRE, B.; ȚÎRCĂ, D. Innovations for sustainable development: Moving toward a sustainable future. **Journal of Cleaner Production**, n. 208, p. 325-332, 2019.
- SOSA-SACIO, M.; MATOS-REYES, N. Evaluación de la escala brasileña "grado de innovatividad" en PYMEs peruanas. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- SPELL. **Scientific Periodicals Electronic Library**. Disponível em: <http://www.spell.org.br>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- TEECE, D. J.; PISANO, G.; SHUEN, A. Dynamic capabilities and strategic management. **Strategic Management Journal**, v.18, n.7, p. 509-533, 1997.
- TELLO GAMARRA, J. *et al.* Innovation studies in Latin America: a bibliometric analysis. **Journal of Technology Management & Innovation**, v. 13, n. 4., 2018.
- TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Managing innovation integrating technological, market and organizational change**. John Wiley and Sons Ltd., 2005.
- UNITED NATIONS. **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. 2015. (Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015).
- VALLIERE, D.; PETERSON, R. Entrepreneurship and economic growth: evidence from emerging and developed countries. **Entrepreneurship & Regional Development**, v.21, n. 5-6, p.459-480, 2009.
- VASCONCELOS, R. B. B. de; OLIVEIRA, M. R. G. de. Determinantes da inovação em micro e pequenas empresas: uma abordagem gerencial. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 58, n. 4, p. 349-364, jul. / ago. 2018.
- VÁSQUEZ-RODRÍGUEZ, M. V. Caracterización de las prácticas de gestión de actualización e innovación tecnológica en el área de producción de organizaciones de la industria gráfica en Colombia. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v.35, edição especial, 2019.
- ZAWISLAK, P. *et al.* Innovation beyond technology: perspectives from Latin America. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, v.30, n.4, p. 420- 428, 2017.